



## CORPO DE DELITO

# Blind date

A sabedoria resignada dos velhos agora também começa a ser a sua, e cada dia acrescenta certeza à sua certeza de que a velhice justifica os queixumes



Rui Patrício

Quando a mãe ainda vivia, e se queixava da velhice, ela ralhava-lhe e refutava os queixumes, com carinho mas veemência. E repetia-lhe os aforismos e lugares-comuns inventados para consolar, mas nos quais então acreditava. "Velhos são os trapos. A idade está na cabeça de cada um. A mãe tem muito para dar. Cada ruga é experiência. O que conta é o espírito." *Et cetera*. A mãe, com a sabedoria resignada dos velhos – que já aprenderam que tanta coisa não vale a pena –, dava de ombros e calava-se, e pensava que ela, a filha, um dia veria como era. E veria também os dias a escorrer cada vez mais depressa, o tempo a faltar, o corpo a falhar e a experiência a sobejar. Esse dia é agora. A filha, agora, sabe-o. A mãe há muito que já cá não está, e ela já teve tem-

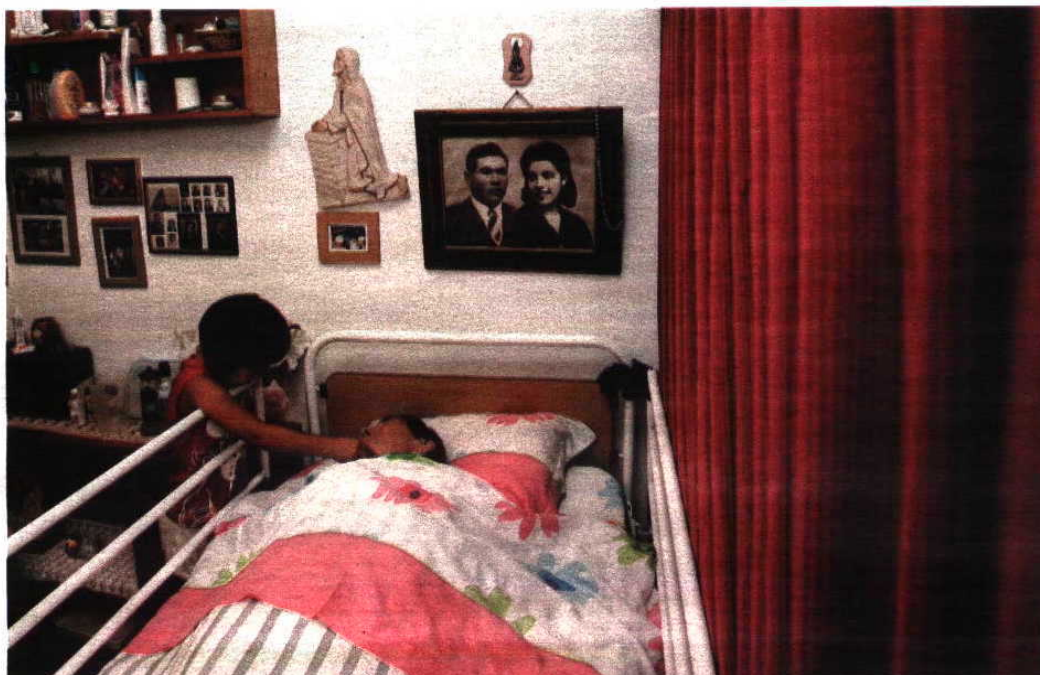
po e espaço para, primeiro, intuir, e depois descobrir que a mãe tinha razão. A sabedoria resignada dos velhos agora também começa a ser a sua, e cada dia acrescenta certeza à sua certeza de que a velhice justifica os queixumes. Os anos ensinam o que os dias não conseguem, e um dia descobre-se que já cá está o que antes apenas existia na conversa dos outros ou na imaginação.

Ela não vive mal, nem vive infeliz. Ela, realmente, tem ainda muito para dar, está muito longe de ser (e não será) um trapo, na sua cabeça às vezes sente-se menina, gosta da sua experiência, o espírito tem dias bons e soalheiros. No entanto, todavia, porém. Ela tem uma imensa vontade de se queixar, embora o faça pouco, ou por pudor, ou porque, apesar da certeza, talvez ainda tenha a secreta esperança de que afinal a mãe, ela e todos os velhos sábios, um dia descubram que estavam enganados. Há até dias em que sonha que a velhice não é afinal o prelúdio do fim, mas do regresso à infância, a idade em que mais se acredita no incrível e no impossível. Mas são poucos, são cada vez menos esses dias. Ela tem vontade de se queixar das falhas do corpo, das ausências,

da esperança a escassear. Ela, que gosta tanto de viajar, quer queixar-se quando pensa que já não terá energia ou, pior, tempo para ir aqui ou ali. Ou quando lhe dizem que não pode comer isto ou aquilo, muito menos beber o que lhe apetece. E tantas outras coisas.

E ela quer gritar, ao queixar-se da pior coisa da velhice: ser o prelúdio do fim. Ela sabe, desde nova, que cada dia é o prelúdio do fim; talvez por isso tenha sido um pouco velha antes de tempo, mas também menina para lá do tempo. Mas enquanto a mãe era a mãe e ela era a filha, esse prelúdio era apenas uma possibilidade, era apenas imaginação, estava apenas na conversa e na vida dos outros. Agora que ela é órfã, agora que ela é a mãe, esse prelúdio aproxima-se rapidamente de uma certeza. A certeza de que terá o seu encontro com o fim, um encontro às cegas. Mas ao contrário dos outros blind dates, esse encontro não é excitante, ela não quer apressá-lo, ela não o quer realmente. Ela preferia que a mãe ainda cá estivesse e que, sobre a velhice, apenas lhe coubesse ralhar-lhe, de um modo firme mas doce.

*Advogado. Escreve ao sábado*



Ela tem vontade de se queixar das falhas do corpo